UM PROFESSOR PARA CHAMAR DE SEU: APONTAMENTOS DISCURSIVOS SOBRE A *UBERIZAÇÃO* DO TRABALHO DOCENTE

A TEACHER TO CALL YOUR OWN: DISCURSIVE NOTES ON THE *UBERIZATION* OF THE TEACHING WORK

Francisco Vieira da Silva[1]
Joseeldo da Silva Júnior[2]

RESUMO
O artigo analisa a constituição do sujeito docente numa conjuntura sócio-histórica de *uberização* das relações de trabalho. Para tanto, tomamos como objeto de enunciados produzidos por docentes na plataforma Profes, que oferta atendimento educacional tarifado. O aparato teórico que norteia o olhar analítico repousa nos pressupostos de Michel Foucault, especialmente no que se refere aos conceitos de discurso, enunciado, formação discursiva e verdade. Quanto à metodologia, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa com viés interpretativo-descritivo. As análises permitem pensar que os docentes, ao se situarem no âmbito da lógica neoliberal, buscam vender os seus serviços num ambiente que prima pela competividade e avaliação constante, o que acaba por precarizar o trabalho docente.
PALAVRAS-CHAVE: Uberização. Discurso. Professor.

ABSTRACT
The article analyzes the constitution of the teacher in a socio-historical context of *uberization* of working relations. Therefore, we take as object statements produced by teachers on the platform *Profes*, which offers tariffed educational assistance. The theoretical apparatus that guides the analytical gaze rests on the assumptions of Michel Foucault, especially regarded to the concepts of discourse, statement, discursive formation and truth. As for the methodology, this research is characterized as qualitative with interpretive-descriptive bias. The analyses allow us to think that teachers, when within the scope of neoliberal logic, seek to sell their services in an environment that excels in competitiveness and constant evaluation, which ends up making the teaching work precarious.
KEYWORDS: *Uberization*. Discourse. Teacher.

[1] Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância (CLEAD) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre a a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Coordenador local do POSENSINO na UFERSA (2019-2021).
[2] Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação de Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Licenciatura Plena em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pesquisador do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 17-30, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

Introdução

No título deste texto, aludimos a um trecho da letra da música *Mesmo que seja eu*, composta por Roberto Carlos e Erasmo Carlos, em 1982, e regravada por Marina Lima, no disco Fullgás (1984). Na interpretação da cantora, a música adquire novos contornos, pois o excerto "Um homem para chamar de seu/mesmo que seja eu" é ressignificado em função dos recursos musicais empregados por Marina Lima. Para Neder (2013, p. 174), "'mesmo que seja eu' não é a confissão de inadequação, mas constatação brincalhona de um desmoronamento das categorias 'mulher' e 'homem' tal como são constituídas". Ao trocarmos o termo homem por professor, buscamos locomover o dito para um outro domínio, ainda que intentamos preservar o sentido pretendido pela letra da canção: a ideia de posse e de exclusividade. Noutros termos, ter "um professor para chamar de seu" implica, pois, uma determinada propriedade por parte do sujeito a quem esse dizer se endereça. Isso implica, pois, ter os serviços desse profissional ao primeiro clique, numa imensidão de catálogos *on-line* em que esse profissional encontra-se registrado. Desse fenômeno deriva o que discutimos neste estudo, a partir da análise da chamada *uberização* do ensino.

O aumento da demanda de docentes formados em detrimento da escassez de matrículas de alunos nas escolas pode resultar numa volumosa desocupação destes profissionais, excluindo-os do mercado de trabalho formal e os levando, por conseguinte, a preencher postos laborais precários, sem a devida atenção aos direitos trabalhistas, que embora tenham sido lapidados nos últimos anos no Brasil, notadamente em razão da Reforma Trabalhista de 2017, ainda é o dispositivo que garante benefícios legais ao trabalhador. Há de observar que, tratando-se da ocupação docente no ensino privado, há discussões e debates urgentes a serem travados, uma vez que o trabalho nesse setor é extremamente penoso, com relações de poder abusivas e até mesmo autoritárias advindas, notadamente dos gestores escolares, os quais são continuamente pressionados pelos pais que pagam as mensalidades a fim de que a instituição produza resultados no corpo discente. Além disso, a exigência de alto desempenho do profissional que possa atender a demanda por resultados é matizado pela lógica empresarial, pela competividade e pelo rápido descarte de professores que não atendam as expectativas desejadas.

Nesse contexto em que prevalece a lógica neoliberal, indagamos: como a docente, ao ingressar nessa formação histórica, é constituído? Certamente se trata de uma questão muito mais complexa do que possamos supor, uma vez que a intensa desvalorização do mercado reproduz percepções negativas e desalentos para a profissão docente, que, historicamente, tem

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 17-30, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

sido preterida pelo poder público (HAGEMEYER, 2004; SCHEIBE, 2010). Como mostra Ens (2019), há forte apelo da classe dos professores para que haja reconhecimento da profissão como princípio básico para o sucesso educacional, a partir de reinvindicações que vão desde ao salário condizente com o nível da formação superior às condições adequadas de trabalho.

O *uber-docente*, como podemos nomeá-lo, configura-se como um modelo em que os professores são contratados para atuarem tanto presencialmente quanto a distância, sem qualquer estabilidade e direitos efetivos. A proposta visa a um cadastramento contínuo do docente com fins na constituição de uma espécie de um banco de mãos de obras, para que seja utilizada mediante a necessidade de cada setor educacional, seja uma instituição privada ou pública. Ou seja, na ausência de um professor, convoca-se o *uber-docente*, previamente cadastrado, para que ocupe a vaga interinamente. Esta proposta, no entanto, é apenas mais uma das práticas de *uberização* da docência que vem ocorrendo no país.

Com base nisso, propomos neste artigo analisar o processo de constituição do docente no modelo de trabalho imposto pela *uberização*, tomando como objeto a plataforma Profes, cujo foco é mercantilizar o conhecimento docente para atender a uma educação neoliberal. Para contemplar nosso objetivo, subsidiar-nos-emos no arcabouço teórico dos estudos discursivos, a partir das reflexões do pensador francês Michel Foucault. A análise circunscreverá fragmentos discursivos de propostas de "venda" de serviços ofertados pelos professores participantes da plataforma. Quanto à metodologia, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa com viés interpretativo-descritivo, dado que perscrutaremos os modos de constituição do sujeito docente à luz da precarização do trabalho advindo do fenômeno da *uberização*.

Em relação à estrutura deste texto, vale frisar que o organizamos do seguinte modo: em um primeiro momento, explanamos a respeito do processo de uberização e as implicações no âmbito do trabalho docente; em seguida, analisamos enunciados produzidos por professores, a partir de nossa inserção na plataforma de correção Profes. Na última seção, trazemos alguns comentários de natureza conclusiva para esta investigação.

A *uberização* e as configurações do trabalho docente: notas teóricas

O termo *uberização* foi cunhado após a popularização do aplicativo de mobilidade urbana Uber, cuja logística de trabalho baseia-se no paradigma da flexibilidade, uma vez que inexiste a contratação formal do trabalhador para a realização da atividade; a produtividade é o principal foco do exercício profissional, de modo a instigar a participação do motorista na

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

condução de seus ganhos, a partir de lógica baseada na competitivdade: quanto mais corridas obtiver, maior o será o lucro; caso não haja um número de corrida elevado, o ganho, portanto, será menor. Trata-se de um padrão que elimina a responsabilidade do empregador e impõe ao trabalhador o domínio sobre o próprio trabalho que exerce, sendo ele mesmo patrão e funcionário.

Diferente da configuração que havia na sociedade disciplinar, tendo o trabalhador autuado pelo tempo de produção e consequente docilidade do corpo (FOUCAULT, 1999), no modelo de *uberização* subsiste uma internalização do controle pelo próprio "colaborador". Além disso, existe uma competividade desmedida no setor, uma vez que a remuneração do trabalhador só ocorre se houver demanda, mediado por ferramentas tecnológicas. Há, também, excetuando-se como um único procedimento disciplinar, a medição de satisfação feito pelo usuário, que resulta para o trabalhador na melhoria contínua de sua oferta, a fim de que possa oferecer um serviço de excelência. Nas palavras de Haroche (2011, p. 661) "[...] isto supõe cifrar para procurar suprimir tudo o que é considerado perda de tempo, falta de rentabilidade, tudo o que é julgado inútil, imprevisível, portanto inédito e, em outros termos, tudo o que é inavaliável por definição". Essa lógica competitiva preconiza, pois, uma avaliação sistemática constante que, por meio de mecanismos que se materializa em notas, em comentários elogiosos, demarca uma conjuntura sustentada pelo culto à performance – quanto mais esforço, maior retorno econômico.

Antunes (2018) argumenta que esta modalidade contemporânea de trabalho provoca instabilidade e insegurança, dando como exemplo o modelo britânico *zero hour contract* (contrato de zero hora), cujo traços se assemelham com o atual modelo da *uberização* da mão de obra. Um único ponto difere o modelo britânico da empresa Uber, qual seja: a impossibilidade de recusar serviço por parte dos trabalhadores do aplicativo de mobilidade, pois, caso haja uma quantidade de recusas, o trabalhador é penalizado. Antunes (2018) acredita que o uso das tecnologias digitais tem obviamente propiciado cada vez mais a conectividade entre o trabalhador e o mercado, porém com desapreço à mão de obra, ao torna-la cada vez mais precarizada. Na leitura do autor, o trabalhador cada vez mais tem se tornado refém de uma *escravidão digital*.

Se por um lado o avanço de aplicativos com o propósito mercadológico possibilita a abertura para uma série de trabalhos, por outro lado, há de se verificar o desmantelamento dos direitos historicamente erigidos, diante das condições laborais destas empresas, que solapam as garantias legais do trabalhador. Estas empresas, aliás, aparentam atuarem nas sombras, uma vez que inexiste um contato direto entre elas e o trabalhador, tornando o processo

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

iminentemente digital. A indústria 4.0, tida como movimento responsável pelo desenvolvimento tecnológico no mundo, tem transformado os modos como as relações de trabalhos se apresentam e ocorrem no século XXI. Com este modus *operandi*, se fortalece a noção de que cada um é uma empresa de si mesmo.

Para o filósofo político Byung-Chul Han (2013, p. 25), "cada um de nós explora a si próprio", o que leva a concepção de que estamos em constante conflito com nós mesmos, pois ao explorar a si, resultado da competividade existente no mercado, sobretudo neste modelo da *uberização*, o "sujeito competitivo é, ao mesmo tempo, sujeito e vítima" (HAN, 2013, p. 25). Convém pensar, a partir das reflexões de Ehrenberg (2010, p. 55), que a "[...] a mitologia da autorrealização de massa que predomina desde o último decênio é semelhante a um processo de heroicização de si mesmo em que se deve fazer o esforço de si mesmo como o seu próprio modelo de conduta". Desse modo, os sujeitos que são bem avaliados nos aplicativos de prestação de serviço tendem a construir para si imagens de vencedores e bem-sucedidos.

Venco (2019, p. 07) pontua que a lógica do Uber "extrapolou o transporte individual e alçou outros segmentos do mercado de trabalho e tornou-se a expressão máxima da agudização da desregulamentação do trabalho", provocando disputas entre os profissionais na busca pela clientela e, consequentemente, do lucro, afinal o acirramento mercadológico requer do trabalhador autonomia e liderança, a fim de que saiba agir no empreendimento que faz de si mesmo. Existe a ideia de que a flexibilização proporcionada pela empresa de aplicativo ou responsável pela disposição do serviço implica ao trabalhador formas de gerenciar as atividades por ele produzidas, transparecendo uma positividade no modelo laboral, haja vista que se intui uma dada "liberdade" no exercício trabalhista. No entanto, reside aí, conforme já frisamos, um apagamento das responsabilidades da empresa quando se trata dos direitos legais. A flexibilização, na verdade, é uma ilusão que escamoteia a precariedade do serviço digital.

Assim, tem-se que a realidade do processo de *uberização* do trabalho anula qualquer estabilidade, de modo que o professor – e até mesmo o estudante em formação – diante do intenso desemprego no país, abdica dos direitos básicos trabalhistas para se submeter à seletividade digital. É arriscado afirmar, mas se pode constatar que, se a ideia é vender um produto – e neste caso, trata-se de ofertar uma aula – infere-se que passa a existir melhor conteúdo a ser apresentado ao aluno-cliente, dado a competividade entre os profissionais. O que reduz em direitos, "ganha-se" em qualidade, dado que o que está em voga é produtividade e a concorrência: quanto mais interessante e instigante for a aula, mais interessados e "compradores" haverá, de forma que retorne em lucro para o professor, que não só atua como

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 17-30, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

profissional para qual se formou, mas como também assume a função de vendedor/empreendedor.

Pensando nessa questão do sujeito professor, podemos frisar que uma das provocações imbricadas no conjunto da obra de Foucault está centrada em como os indivíduos tornam-se sujeitos no decurso da história, tendo o discurso como elemento apreendido na/pela exterioridade, como nos diz Fernandes (2010, p. 06), ao explicar ainda que a subjetividade "apresenta-se como uma construção histórica sob determinadas condições e se dá na relação com o discurso", levando-nos a inferir, dessa forma, que a subjetividade e discurso são fundamentais para análise das transformações pelas quais passam o sujeito. Compreendida "como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo" (FOUCAULT, 2004, p. 236), a subjetividade aponta para o entendimento de determinado sujeito conjuntura social, na medida em que apreende em si as modificações econômicas ou culturais ao longo da História.

Candiotto (2016), ao comentar sobre a noção da subjetividade, entende que há três eixos principais que estão subscritos nela e que, ao mesmo tempo, a define, quais sejam: a experiência de si, os jogos de verdade e as relações consigo. Segundo Candiotto (2016, p. 81), o primeiro elemento experiência de si "envolve a ação de se colocar diante da prova da realidade a partir de uma ascese permanente", já os jogos de verdade presumem que o sujeito se constitui por uma identidade verdadeira, mas também indica no aprisionamento de uma verdade não conhecida mas, ainda assim, incorporada a si mesmo. O último eixo está calcado no "efeito da luta entre as forças do querer e as práticas de liberdade" (CANDIOTTO, 2016, p. 82). Esses três fatores, portanto, estão correlacionados, na medida em que as práticas discursivas são produzidas, mediante as relações de poder e os elementos de saber constituídas como parte do processo de subjetivação. Nesse sentido, pensando o neoliberalismo como uma prática governamental, lançamos luz à constituição do docente enquanto empreendedor de si no contexto da uberização.

Assim, uma sociedade pautada por um governo neoliberal tem o compromisso em assistir o mercado financeiro com o propósito de fomentar a concorrência, responsabilizando o próprio mercado pela regulação das práticas que decorrem desse modelo econômico. Com isso, temos que a política neoliberal incita no indivíduo o dever de conduzir a si mesmo nos trâmites comerciais, haja vista a ideia de liberdade promovida por este mecanismo governamental. Daí resulta a figura do *homo oeconomicus*, não o "homem da troca" não o "homem consumidor", mas sim "o homem da empresa e da produção" (FOUCAULT, 2008, p. 201), ou, em outras palavras, "empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda. (FOUCAULT, 2008, p. 311). O neoliberalismo, nesse entendimento, condiciona e transforma o indivíduo em empresa e produto, concomitantemente, pois faz dele um objeto que deve atender os princípios mercadológicos.

Para Foucault (2010), essa noção engloba as seguintes propriedades: a) um referencial – concebido como as leis de possibilidade que regem a emergência de certos enunciados; b) a posição de sujeito – refere-se a um posicionamento que é assumido no enunciado, o qual não se confunde com a primeira pessoa gramatical nem como o sujeito autor da enunciação; c) domínio associado – diz respeito ao fato de o enunciado estar atrelado a uma rede constituída por dizeres já produzidos e outros que ainda serão enunciados; d) materialidade repetível – relaciona-se ao fato de o enunciado necessitar de um local, de uma data, de um suporte e de um aparato institucional que o concretize. Já a formação discursiva, conforme o pensador francês, designa a regularidade existente numa dispersão enunciativa, a partir da escolha de certos temas, de determinadas estratégias e tipos de discursos. Conforme veremos na seção a seguir, a formação discursiva mostra-nos as regularidades dos discursos dos professores no interior de uma lógica mercadológica que matiza a plataforma Profes.

Vitrines *online*: a uberização do trabalho docente

Um dos primeiros passos para firmar o contato com um professor é a solicitação de aula, disponível no *menu* inicial do *site* Profes. Assim que o usuário clica no *link*, uma robô intitulada "Minerva", definida como uma inteligência artificial, aparece na tela sugerindo os tipos de produtos ofertados, ao mesmo tempo em que explica cada um dos serviços: "Olá, tudo bem? Eu sou a Minerva, a inteligência artificial do Profes. Estou aqui para ajudar a encontrar os melhores professores para suas aulas. Para isto vou te fazer algumas perguntas. Antes, preciso saber se você realmente precisa de aulas com um professor ou se é ajuda em uma tarefa. Tarefa pode ser um projeto, uma lista de exercícios, uma revisão, tradução, auxílio em uma planilha de excel, etc., ou seja, algo que eu possa enviar a um professor com um prazo fixo e valor definido e te entregamos de volta como combinado".

Para saber o que seria exibido na próxima etapa, como exemplo foi selecionado a opção "Aulas particulares". Logo em seguida, "Minerva" coleta informações preliminares, como nome, sobrenome e o interesse, se se trata de aulas individuais ou em grupo. Ao selecionar a opção da aula individual, é perguntado se o serviço é direcionado ao próprio usuário a outra pessoa. Feito a seleção pela aula para si, a inteligência artificial prossegue com

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 17-30, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

a série de perguntas, quais sejam: idade; assunto da aula; nível da aula, se é para o Ensino Médio, Fundamental, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou Vestibular.

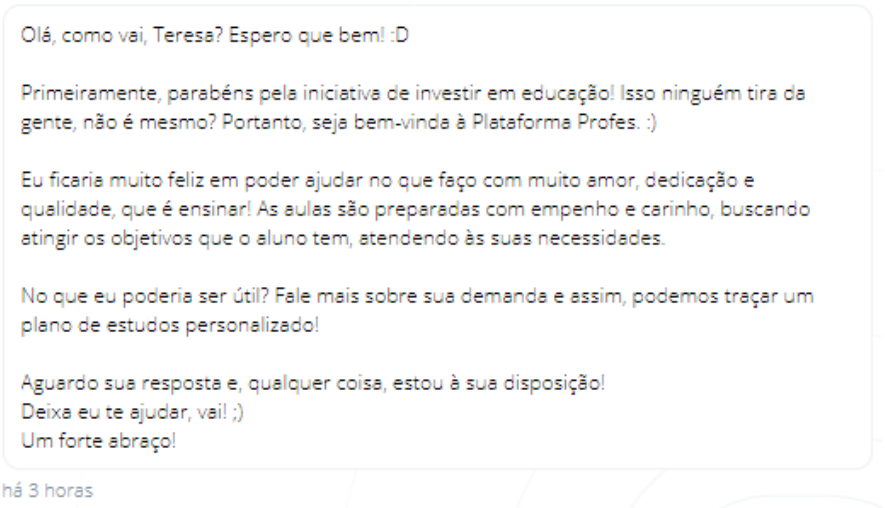
Pontuado o tema "Redação", com ênfase para o ENEM, a robô continua a buscar por mais detalhes, a fim de especificar o produto a ser atendido por um dos professores inscritos na plataforma. Em uma das telas, é informado um conjunto de palavras-chaves para que o "cliente" selecione o que mais o interessa. Feito isso, aparece a seguinte interrogação: "Qual é o seu objetivo principal com as aulas?", e logo abaixo uma sequência de opções. Aletoriamente, é selecionado a opção "Vestibular/Enem", o que faz surgir para o aluno uma questão sobre o prazo para que sua demanda seja cumprida. Ao escolher cumprir a suposta meta em meses, passa-se a ser indagado o período exato: nesse momento, o sistema pede para informar os meses, podendo ser até 2 anos. Depois, ao optar por 8 meses, a robô sugere que o interessado detalhe o que busca. Atendendo a sugestão, é dito que o objetivo é "Tirar nota 1000 na redação", o que faz com que, instantaneamente, seja impresso no visor a predileção pelas aulas, se deseja que sejam avulsas ou semanais. Na quarta etapa de cinco, o sistema requer informações sobre a quantidade de aulas e quando elas devem iniciar, ao passo que questiona também a cidade e o estado, bem como o tipo de modalidade da aula, podendo ser online, presencial ou ambas as formas. Próximo do fim da coleta de dados, "Minerva" objetiva ter conhecimento a respeito da preferência do local da aula (se na casa do aluno, na residência do professor, na faculdade etc) e dos horários disponíveis. Depois de todo esse processo, carrega-se uma página requisitando o e-mail e telefone, para que o professor, ao ser contatado, envie uma mensagem para o aluno.

Na simulação que foi produzida para este estudo, depois de poucos minutos da finalização da solicitação da aula, cerca de quatro professores entraram em contato, com mensagens que lembram uma venda de um produto. Interessava-nos apenas conhecer o processo de imersão na plataforma e recebermos os primeiros contatos aos quais não respondemos. Conforme mostraremos a seguir, acreditamos que uma das mensagens recebidas sejam automáticas. De todo modo, os nomes usados aqui são fictícios e não correspondem aos que aparecem na plataforma.

Na primeira mensagem, iniciou-se uma propaganda de si, com o interesse evidente de convencimento do aluno, de maneira a fazê-lo selecionar este e não aquele professor. Os docentes posicionaram-se como mercadores, consoante podemos observar no *print* a seguir.

Enunciado 1: Mensagem do "uber docente I"

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 17-30, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.



Fonte: Profes, 2020.

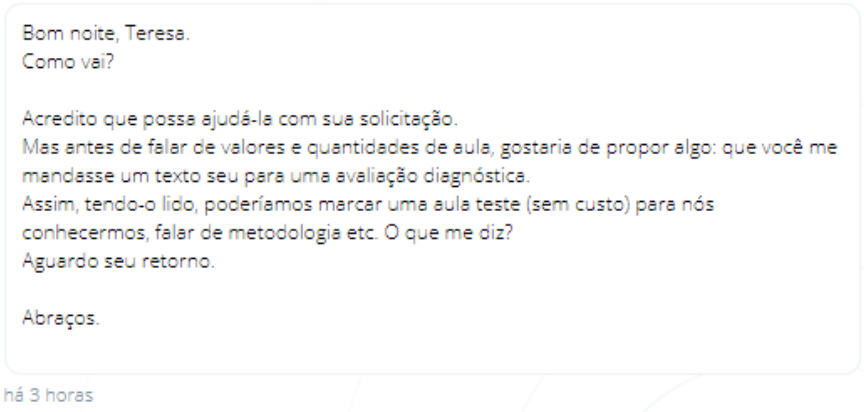
De início, o docente presta uma saudação à aluna, demonstrando simpatia no primeiro contato. Igualmente, num domínio associado, o enunciado retoma a máxima de que educação não pode ser retirada, desejando a estudante boas-vindas à plataforma. O comportamento do professor corresponde às expectativas da eficácia de um bom atendimento, conforme prevê o regimento para este tipo de abordagem ao público. Pontuada a breve apresentação, é feito um apelo emotivo à estudante, expondo o desejo de "ajudar", com "muito amor, dedicação e qualidade", na medida que expõe se tratar de um conteúdo de qualidade, sem perder de foco o convencimento pela emoção. Logo em seguida, o professor interroga qual seria sua utilidade, aparentando ignorar o interesse de "Teresa", dito inicialmente na solicitação da aula, que é atingir a pontuação máxima na redação. Depreende-se disso que o docente dispõe de uma mensagem automática para enviar aos "clientes", de forma a mostrar agilidade em ser o primeiro a adquirir a aluna, uma vez que, ao finalizar o pedido de aula, a solicitação é enviada para outros docentes cadastrados na plataforma.

O atendimento personalizado de que fala a posição que enuncia na mensagem leva-nos a pensar, no âmbito do domínio associado, nas configurações do discurso publicitário, tendo em vista, por exemplo, a suposição de que o serviço/produto ofertado responde de maneira integral às singularidades do cliente. Ofertar, nesse caso, um serviço personalizado implica reconhecer quais dificuldades o aluno apresenta na produção textual e de que modo isso poderá ser sanado. Porém, essas inabilidades só poderiam ser melhor observadas, caso o docente tivesse solicitado a produção da aluna, o que nos leva a crer que o argumento do "serviço personalizado" potencialmente é empregado para todos os clientes, porquanto faz parte desse campo enunciativo.

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

Como exigência de atendimento de qualidade, requer-se do agenciador uma postura exemplar e eficaz para que possa haver o acolhimento do cliente, de modo a agradá-lo e convencê-lo a consumir o produto ofertado. Tomando as informações publicizadas pelo Sebrae (Serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas), há uma série procedimentos para o bom relacionamento com o cliente, entre elas: saber a) "realizar com maestria a recepção do cliente, sendo cortês, simpático e dando atenção necessária. A primeira impressão faz toda diferença; e b) criar "um padrão de atendimento, através de um manual passo a passo, que possa guiar essa atividade" (SEBRAE, 2018, s/p). Conforme podemos visualizar no primeiro contato do professor, há o cumprimento desses requisitos básicos de atendimento. O uso de demonstrações de simpatia pelos caracteres ":D" e "☺" que, traduzidos da linguagem virtual significam "está sorrindo", reforça a ideia da qualidade no atendimento.

Enunciado 2: Mensagem do "uber docente II"



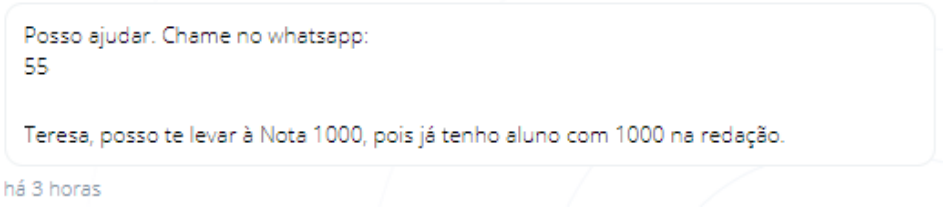
Fonte: Profes, 2020.

No enunciado acima, além da saudação inicial, característico do primeiro contato, o professor demonstra certa preocupação com o conhecimento de "Teresa", visto no momento em que ele solicita a escrita de um texto para uma "avaliação diagnóstica" da aluna. Esta abordagem mostra-se diferente da primeira mensagem (Enunciado 01), pois naquela existe uma conduta emotiva na apresentação; esta, no entanto, aparenta um atendimento mais técnico. Há maior cautela na abordagem, marcada mais pela possibilidade, subscrita pelos trechos "acredito que eu possa", "gostaria de propor", "poderíamos marcar", denotando, portanto, uma condição, pautada na modalização, prática não tão incisiva no enunciado anterior. Como forma de angariar a aluna, nesta situação o professor oferece uma aula gratuita, uma espécie de exemplar do que pode ser acompanhado no cenário em que haja a "contratação" deste "uber docente".

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 17-30, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

Não se especifica se a ideia é mostrar uma aula gravada ou uma aula ao vivo; porém, diante da pista deixada (o professor fala em conhecer Teresa melhor), tudo indica que a aula teste seria ao vivo, o que implica ao docente preparação de conteúdo, organização, demanda de tempo e custeio com a estrutura para ministrar a aula pretensa. Nessa aula, a docente mostraria seu desempenho e, desse modo, poderia ganhar mais uma cliente. O aluno constitui-se, portanto, numa instância de poder que pode nomear, designar e classificar o trabalho do professor. Essa avaliação, na percepção de Haroche (2011), tende a individualizar e controlar o sujeito, de modo a homogeneizá-lo cada vez mais junto a um padrão que é esperado para conquistar a meta pretendida.

Enunciado 3: Mensagem do "uber docente III"



Fonte: Profes, 2020.

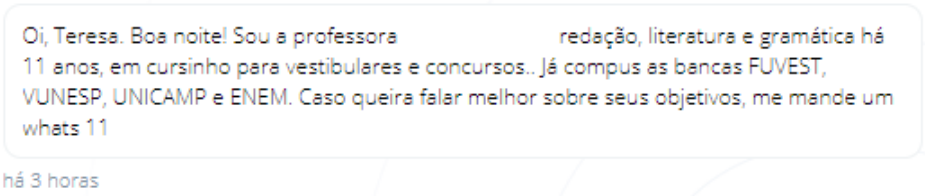
Seguindo com a análise, na mensagem em tela (Enunciado 03), não há obediência às normas de um atendimento conforme visto nos enunciados anteriores, ou seja, uma estrutura formal de apresentação e posicionamento do professor: não há saudação inicial nem tampouco saudação final para com a aluna. De imediato, o professor informa que pode ajudar e dispõe seu contato de *WhatsApp* para uma conversa. Tudo ocorre de maneira muito simplória, o que, para um "vendedor", tal como está implicitamente preceituado nas regras da Plataforma Profes, não é uma medida satisfatória, se pensarmos que o aluno é o cliente e, as aulas, um produto a ser vendido. O docente, de modo sucinto, expõe o desejo de ensinar, propagandeando apenas que pode levar a aluna a atingir a nota mil, uma vez que afirma "ter" um aluno que já obteve também a pontuação máxima na redação. A pontuação máxima da redação é construída como uma meta a ser atingida, conforme lançamos no sistema, pois, consoante nos lembra Haroche (2011), os bens e as pessoas são paulatinamente avaliados e, por isso, comparados, de maneira a engendrar formas de concorrência e rivalidades.

Observemos que há uma vontade de verdade que emerge desse discurso de comercialização, com a finalidade, já antes afirmada, de conquistar ao aluno e, consequentemente, a remuneração advinda do processo. De acordo com Foucault (2014), os discursos podem estar em oposição um a outro. Ao tomar uma verdade, presume-se que haverá uma mentira.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 17-30, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

Ou seja, a partir daqui o enunciado passa a ser acolhido – não mais pela força do desejo e do poder – passível de tomado como verdadeiro ou falso. Assim, considerando o atendimento em comento, há uma formação de estratégia enunciativa com vistas a produzir uma vontade de verdade para o consumidor, de modo a fazê-lo "fechar negócio", mesmo que a informação prestada não seja de fato verdadeira. Como disse o professor, "Teresa" poderia chegar a nota mil, uma vez que já havia contribuído para que o outro aluno obtivesse a nota máxima. Não é possível, aí, distinguir o que é verdadeiro ou falso, pois há apenas uma verdade impelida. A vontade de verdade, dessa forma, não traz o discurso como verdade do desejo, aquela que é fielmente real, mas, sim, outra perspectiva em que se pode acreditar, dado que a verdade pode ser flexível.

Enunciado 4: Mensagem do "uber docente IV"



Fonte: Profes, 2020.

No último atendimento, assim como os demais enunciados, há uma apresentação da professora à aluna, desta vez não apenas com as saudações de praxe, mas também com informações profissionais, tais como a atuação nas áreas de redação, literatura e gramática, bem como a composição de bancas de vestibulares e ENEM. Neste último caso, há uma ressalva a ser feita, uma vez que o ENEM não dispõe de uma banca examinadora como nos vestibulares tradicionais. Existe, no ENEM, uma seleção de redatores para a correção de redação, mas não necessariamente um corpo docente para avaliação, conforme fica subentendido na informação prestada pela professora. Ao que parece, como frisado anteriormente, há uma vontade de verdade no seu discurso de venda, porém não justificado nos fatos cotidianos, dado a inexistência de comitê avaliador no ENEM. Todavia, tal menção faz-se importante, pois leva a credibilizar o discurso do docente cadastrado, dado que essas experiências dão certo respaldo em relação à prática da correção de redações escolares.

Considerações Finais

O objetivo deste texto consistiu em pensar o processo de constituição do docente no modelo de trabalho imposto pela chamada uberização, por meio do estudo de algumas

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

mensagens de docentes cadastrados na plataforma Profes, que tem como foco ofertar serviços tarifados de atendimento docente. Para isso, adentramos esse ambiente virtual e solicitamos a possibilidade de ter assistência profissional para cumprir a meta "Tirar nota 1000 na redação". As quatro primeiras abordagens dos docentes para nossa solicitação constituiu o *corpus* de análise. Por meio da perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, concebemos tais abordagens como enunciados que se ancoram num referencial matizado pelo apelo neoliberal, adotam uma posição de sujeito marcada por uma ênfase na venda do serviço prestado e, desse modo, recupera, num domínio associado, dizeres inscritos no campo da publicidade e propaganda. Esses enunciados também emergem por meio da materialidade repetível da plataforma Profes, caracterizando-se, portanto, pela linguagem das tecnologias digitais.

Em relação à questão da *uberização* do trabalho docente, vemos que, ao colocar à venda os seus serviços, os professores constroem imagens valoradas de si, de modo a conquistar o cliente e, com isso, pautam-se em estratégias que assinalam a experiência em correções de vestibular, o fato de já ter tido aluno com nota máxima na redação do ENEM, bem como a possibilidade de fazer um atendimento personalizado para o estudante e a existência de uma aula teste, em que o cliente pode escolher ou não o serviço. Esse serviço, por outro lado, está totalmente distanciado de direitos que façam com que o professar tenha o mínimo de garantias trabalhistas, de modo que se trata de uma flagrante precarização laboral, porquanto, sob o charme da flexibilização, mora a fragmentação das forças de trabalho, a despersonalização do sujeito incrustado num perfil e a degradação da atuação docente, frente ao clima de competividade e avaliação ininterruptas.

Referências

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão***:** o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

BARROS, Ricardo Pães de. *Diagnóstico da Educação*. 2019. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/diagn%C3%B3stico/parteii/pdf/IAS_Desafios_Digital_Brasil_2019.12.17.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

CANDIOTTO, Cesar. Práticas de subjetivação e experiência da sexualidade em M: Foucault: sobre O uso dos prazeres e O cuidado de si. In: RESENDE, Haroldo de. (Org.). *Michel Foucault:* política: pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

EHRENBERG, Alain. *O culto à performance:* da aventura empreendedora à depressão nervosa. Trad. Pedro F. Bendassolli. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. *Laboratório de estudos discursivos*. Uberlândia, ano 2, v. 2, 2010, p. 1-19.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Foucault. *In:* M. B. Motta (Org.). *Ditos e escritos IV:* Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber.* Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HAN, Byung-Chul. No enxame. *In: No enxame:* reflexões sobre o digital. Trad. Miguel Serras Pereira. Relógio D'Água Editores: Lisboa, 2013.

HAROCHE, Claudine. O inavaliável em uma sociedade da desconfiança, *Educação e Pesquisa,* São Paulo, v. 37, n.3, p. 657-676, set/dez. 2011.

HAGEMEYER, Regina Cely de Campos. Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 67-85, 2004.

NEDER, Alvaro. "Um homem pra chamar de seu": discurso musical e construção de gênero, *Per Musi*, Belo Horizonte, n.28, 2013, p.170-175.

SCHEIBE, Leda. Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação. *Educação e Sociedade*. Campinas, v.31, n. 122, p. 981-1000, jul./set. 2010.

VENCO, Selma. Uberização do trabalho: um fenômeno de tipo novo entre os docentes de São Paulo, Brasil?. *Cad. Saúde Pública [online]*. v. 35, 2019.